

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ROMPER COM O SILENCIAMENTO E CONSTRUIR NOVOS ENTIMEMAS

Jussara Bueno de Queiroz **Paschoalino** – UFMG e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte-MG

Resumo

Esse trabalho apresenta uma pesquisa realizada com cento e três professores da rede pública da capital mineira, que analisou as interseções entre suas formações profissionais e suas atuações na docência. A pesquisa qualitativa com interlocução com a quantitativa objetivou compreender o perfil desses docentes e as dicotomias entre a formação e o exercício da profissão. A abordagem francesa da ergologia foi o eixo desse estudo, que permitiu compreender a docência nas suas especificidades. Com esse olhar, a inserção da pesquisadora em campo, possibilitou romper com os silenciamentos docentes, advindos de suas formações desprovidas de questionamentos sobre os dilemas hodiernos da profissão e que se intensificavam no cotidiano do trabalho, circunscritos pelas suas atuações docentes individualizadas e solitárias. As repercussões desses silenciamentos frente aos impasses da formação e da profissão se manifestaram numa mixagem expressa pelos sentimentos de impotência e de culpa. O entimema evidenciado, nesse estudo, configurou como um novo protótipo para esses docentes, de que ser professor era ser sofredor e se manifestava pelos mal-estares e adoecimentos. Palavras-chave: formação; silenciamento; entimema.

Introdução

Esse trabalho apresenta uma pesquisa realizada com professores da rede pública na capital mineira. As escolhas metodológicas e a abordagem ergológica utilizada permitiram à análise da docência sob o prisma dicotômico da formação e da atuação profissional.

O mapeamento do perfil desses professores, suas formações iniciais e continuadas desenharam um panorama de excelência. Entretanto, nas formações primoras desses professores pesquisados evidenciaram lacunas de conteúdos, sobre as dificuldades nos tempos contemporâneos no exercício da docência. Assim, nas interseções entre a formação desses professores e suas atuações, no dia a dia do seu trabalho, manifestaram os dilemas da profissão e repercutiram no silenciamento dos docentes.

Os silenciamentos dos professores frente aos impasses da formação e da profissão se traduziram em ações individualizadas e solitárias, em que cada docente se responsabilizava pelas dificuldades vivenciadas no seu trabalho. As múltiplas insatisfações desses profissionais ressonaram numa mixagem expressa pelos sentimentos de impotência e de culpa.

Com intuito de romper com o silenciamento, que impunha ao professor o sofrimento e adoecimento no exercício da docência, os resultados dessa pesquisa propuseram repensar a formação articulada com a prática docente e assim, a construção de novos entimemas.

Nesse sentido, para apresentar esse trabalho se optou por dividi-lo em cinco partes, que mantêm, entre si, uma grande interlocução. Na primeira, será focalizada a escolha da metodologia utilizada na pesquisa.

Na segunda parte, apresentar-se-á o eixo da abordagem norteadora do trabalho e suas implicações na compreensão da formação do professor. Na terceira, será evidenciada a construção dos entimemas docentes, que se entrecruzam nas formações desses profissionais e seus respectivos protótipos. Na quarta parte, será abalizada a pesquisa como tal, o perfil dos docentes, seus dilemas e silenciamentos no cotidiano da profissão. E na quinta parte, esboçará considerações frente aos achados da pesquisa.

Percurso metodológico: ouvir os silêncios

O percurso da escolha da metodologia teve como foco o desafio de compreender a docência nos tempos hodiernos. Nesse sentido, buscou dar voz aos docentes para que falassem sobre os sentidos e significados de ser professor na atualidade.

O discurso contemporâneo hegemônico apregoa a constante necessidade da formação docente para o melhor exercício da profissão. Assim, a pesquisadora ao ir a campo, buscou entender como esse profissional professor tem conseguido fazer as interseções de sua formação e a atuação profissional.

As questões norteadoras desse estudo tinham como metas compreender a perspectiva de formação dos docentes como sujeitos “concretos com suas angústias, necessidades e desejos” (CALDERANO, 2006, p.63) circunscritos numa sociedade de valores e de paradoxos em relação aos seus direitos. Nesse sentido, aproximar da labuta diária dos professores e questioná-los sobre os impactos de sua formação foi o viés escolhido.

Nessa perspectiva, de acordo com os autores Mazzotti e Gewandsznajder (2001) a escolha do método qualitativo, possibilitou compreender as intenções e significados dos atos docentes em consonância com a sua formação. Porém, a necessidade de analisar toda a complexidade das interrelações da formação e atuação profissional apontou a interlocução com a pesquisa quantitativa, pois, uma pesquisa quantitativa

pode direcionar o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado de forma mais ampla e integrada, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa. MINAYO (1993). Assim, o método misto possibilitou “criar projetos compreensíveis a partir de dados e análises complexas.” (CRESWELL, 2007, p.211).

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: a observação sistemática; relatório de campo, entrevistas semiestruturadas e questionários aplicados aos professores.

A diversidade de instrumentos possibilitou a pesquisadora colher dados que no seu cruzamento permitiram a análise realizada. Dessa forma, permitiu tecer considerações sobre a própria exigência da natureza singular do objeto de investigação, que visava alcançar o conhecimento mais global da interseção da formação e da atuação do docente.

A docência sob o prisma da Ergologia

A abordagem francesa da Ergologia propõe uma Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho. Essa abordagem é trabalhada pelo professor Schwartz - Doutor em Letras pela Université de Lyon II, membro do Instituto Universitário da França, Professor de Filosofia, Diretor científico do Departamento de Ergologia na Universidade de Provence.

A ergologia tem com fonte de estudo a relação dinâmica do trabalho e de como são efetivadas as escolhas geridas a cada momento por cada trabalhador.

A disciplina ergológica não é, portanto, uma disciplina no sentido de um campo de saber específico, mas uma norma que a ambição intelectual deve se propor ao lidar com esse tipo de processos: o equipamento antecedente a toda leitura de um processo ergológico não deve nunca, portanto, acabar com a preocupação a respeito da legitimidade do corpus conceitual em relação às renormalizações e ressingularidades geradas nos debates mais ou menos locais da atividade. (SCHWARTZ, 2002, 135-136).

Com a ergologia, as diversas interseções do trabalho do professor passam a ser vistas como *matéria estrangeira*, termo inicialmente cunhado por Canguilhem (1966) e utilizado por Schwartz (2003). Assim, o olhar pelo foco da *matéria estrangeira* permite adentrar ao espaço das relações estabelecidas com o trabalho e buscar a compreensão do [...] que acontece e se repete de modo conceitualmente não antecipável, até enigmático, nas situações de trabalho. (SCHWARTZ, 2003, p.2).

Assim, a atividade de trabalho é permeada de valores, que permite aquele que o executa tomadas constantes de decisões, pautadas pelas dimensões psicológicas, sociais e culturais. Nessa perspectiva, na atividade do trabalho o foco é o *corpo si*, termo utilizado por Schwartz para referir à complexidade do humano, que não pode ser visto em apenas uma dimensão,

[...] o organismo interage com o ambiente enquanto um todo: a interação não é fato unicamente do corpo, nem unicamente do cérebro [...] É preciso considerar que o ambiente é, em parte, o produto da atividade ela mesma do organismo, e isto não faz mais que sublinhar a complexidade das interações que devemos levar em conta [...] O espírito respira pela via do corpo. (BERTHOZ apud SCHWARTZ, 2000: 666).

Nesse sentido, a abordagem ergológica permite entender a complexidade da atividade do trabalho e *corpo si*, que traz em sua concepção [...] a história, história da vida, do gênero, da pessoa, é a história de encontros sempre renovados entre um ser em equilíbrio mais ou menos instável e uma vida social, com seus valores, suas solicitações, seus dramas... (CUNHA, 2007, p.8)

O *corpo si* compreende, portanto esse ente, que expresso na complexidade do humano, se transforma continuamente marcado por suas vivências e escolhas. Porém, esse *corpo si* não se encontra sozinho, pois:

[...] é nos grupos humanos, definidos pela sua inserção social específica – e não nos indivíduos isolados-, que vão se manifestar de forma mais clara os nexos biopsíquicos historicamente determinados, pois os ambientes são antes de tudo umas sínteses das formas sociais. (BRITO, 2004, 93).

Nessas interligações com o meio cada *corpo si* interfere nas relações de grupo e sofrem influências valorativas do mesmo, numa sucessiva simultaneidade de ações e reações. Assim, a ergologia propõe a compreensão alargada das relações estabelecidas no trabalho, ao mesmo tempo convida a um olhar cuidadoso para a capacidade de escolhas realizadas pelos trabalhadores dentro do seu contexto profissional.

Com o olhar da ergologia, constata-se que a docência vem modificando sua constituição a partir de diversas mudanças ocorridas na sociedade, que interferem neste trabalho. Por isto, o trabalho do professor é concebido como uma identidade em constante construção.

Para Clot (2006) a constituição do ser humano se efetiva no trabalho nos interstícios das dimensões de estilo e de gênero. As dimensões do estilo são próprias da ontogenia de cada ser, entretanto há uma indissociabilidade com o gênero. Entende-se

por gênero na abordagem ergológica que: “um gênero sempre vincula entre si os que participam de uma situação, como co-atores que conhecem, compreendem e avaliam essa situação da mesma maneira.” (CLOT, 2006, 41).

Nesse aspecto, a atividade de trabalho na perspectiva de gênero tem uma parte que é explícita e uma parte que é subtendida. Clot (2006) percebe a atividade de trabalho como “um entimema¹ de cunho primordialmente social: a parte subtendida da atividade” (ibidem, p.41). Essa parte subtendida da atividade constitui o próprio profissional de um dado meio como uma argamassa tendo a dimensão de ser “a alma social da atividade” (ibidem, p. 42). O entimema da atividade faz com que os profissionais de determinado gênero:

[...] vêm, esperam, conhecem e reconhecem, apreciam ou temem; o que lhes é comum e que os reúne em condições reais de vida; o que eles sabem que devem fazer graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa cada vez que ela se apresenta. (ibidem, p.41).

Os entimemas construídos vão formando ao longo dos tempos, protótipos de docentes, que se homogeneizam e agem na docência numa perspectiva de complexidade, das relações múltiplas de interioridade e exterioridade, portanto, ergológica.

Nesses aspectos, a ergologia permitiu focar a docência pelo viés da interseção da formação e da atuação profissional e analisar as construções de protótipos de docência.

A formação docente e a construção de entimemas

Diversos entimemas de ser professor foram construídos ao longo da história e conviveram mutuamente, sendo que cada hora um deles predominava com mais vigor.

Como os entimemas docentes são vários, apenas quatro reflexões serão apresentadas nesse texto, que serão identificados pela Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e a Idade Mídia.

O ideal do professor que teve sua inspiração em Sócrates, aquele que seduzia pelo conhecimento as mentes dos jovens. O protótipo de ser professor exercido por Sócrates traçou um entimema forte, que ainda persiste no imaginário de muitos e até mesmo na formação docente. Assim, acredita-se que o professor tenha a capacidade do

¹ Denomina-se entimema, em lógica, um silogismo do qual uma das premissas não é mais expressa, mas subtendida. Por exemplo: Sócrates é um homem, logo é mortal. Subentendido: todos os homens são mortais.

encantamento, de tirar o aluno das trevas do conhecimento pelo diálogo, pela capacidade de influenciar e intervir no crescimento dos alunos.

Para Gauthier (1999) na atualidade o professor continua tendo a tarefa de seduzir seus alunos ou, mais do que isso, persuadí-los: “persuadir é influenciar por meio da palavra e do gesto, é seduzir a mente e o coração ao mesmo tempo. Nesse sentido, o trabalho docente é um verdadeiro trabalho emocional.” (GAUTHIER, 1999, p. 19-20). Esse trabalho emocional do professor subentende ouvir o outro, o seu aluno e estimulá-lo a falar, a utilizar o seu raciocínio para ir construindo conhecimentos.

Os cursos de formação apregoam nos seus discursos essas características desejadas dos professores para o exercício da sua profissão. No entanto, tarefas aparentemente simples tornam-se intransponíveis, quando esse profissional não consegue seduzir, ouvir seu aluno e permitir que cada um deles tenha uma participação efetiva.

A dicotomia entre o que a formação apresenta como necessário e o que é imprescindível para a atuação docente deixa o professor perplexo, pois, convive com sua inabilidade de concorrer com as mídias e efetivar uma aprendizagem para todos os alunos. Os índices do fracasso escolar servem de suportes, para culpabilizarem os professores pelos insucessos dos alunos e fechar as argumentações numa leitura estreita da sociedade.

A realidade das escolas, o número de alunos por sala, a intensificação do trabalho, as múltiplas cobranças sobre o professor arrefeçam sua atuação docente. Assim, o entimema de ser professor ser aquele que seduz, que encanta pelo conhecimento, tem ficado apenas na memória dos professores.

Na Idade Média, o entimema que se consolidou foi do professor sacerdote, da doação. O professor, como aquele que professa uma fé e pelo disciplinamento quer salvar o aluno não apenas da ignorância, mas também dos pecados do mundo.

Também no discurso da formação atual ainda esses valores fazem parte do referencial a ser tratado. O professor como aquele profissional que tem como objetivo infundir os valores do convívio social e zelar para o ordenamento do coletivo. Contudo, na realidade das escolas esses dois valores estão cada vez mais distantes.

Na Idade Moderna, o professor teve outro destaque, de ter o poder de interferir na mobilidade social de seus alunos e ser capaz de possibilitar ascensão para aqueles que se dispunham a dedicar ao trabalho acadêmico. Assim, o entimema de ser professor

nesse período, traduziu como aquele que promove a ascensão, aquele profissional culto que permite ao aluno adentrar no espaço do saber.

Já a última idade a ser refletida é da [...] contemporaneidade como uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, como uma verdadeira “Idade Mídia”, em suas profundas ressonâncias sobre a sociabilidade contemporânea em seus diversos campos. (RUBIM, 2000, p. 26).

Assim, na Idade Mídia, o papel do professor está subsumido de valor, e na grande maioria das vezes aparece retratado de forma caricaturada. Ser professor tornou-se profissão desvalorizada socialmente, ao refletir um mercado que não credita rendimentos dignos à profissão. Por outro lado, o fracasso dos alunos é estampado nos meios de comunicação e apontam que os professores não conseguem cumprir o seu papel social. Contudo, outros aspectos, se interpõem na atuação docente: a violência nas escolas, a intensificação do trabalho, as múltiplas informações e atrações produzidas pelas tecnologias.

Nessa configuração, a docência teve mudanças bruscas nos últimos trinta anos, em especial dois aspectos corroboraram: as inserções das tecnologias e as relações fluídas da sociedade.

Nesse contexto desfavorável, os professores pesquisados sofriam com as agruras pelo desconhecimento do seu trabalho. Entretanto, conviviam com os discursos das formações, que estavam ancoradas em outros entimemas. Os professores ao sentirem os dilemas da atuação profissional, em que a formação se silenciava sobre eles, vivenciavam a desilusão e sofrimento.

Até mesmo, a concepção de uma formação ao longo da vida, era desvirtuada e tomava a conotação de que o professor não tinha a formação devida e assim, teria que estar na busca constante, para se realizar como profissional.

Os silenciamentos de temas importantes para a formação dos professores passavam ao largo das escolas e não possibilitavam a reflexão sobre a sociedade da contemporaneidade e seus problemas. Principalmente, esses silêncios obstruíam a capacidade de uma reflexão dos problemas enfrentados pelos professores no cotidiano da docência, que se apresentava permeados pelo desrespeito, desvalorização e pela violência.

Assim, o professor descontente com a realidade, lutava para que pudesse fazer a diferença. No entanto, por falta de uma formação em serviço, que possibilitassem a

troca de saberes, esse profissional se isolava, num individualismo que ocasionavam diversos mal-estares e adoecimentos.

Nesse contexto, o entimema que passava a ser efetivado era que ser professor era ser sofredor.

Análise dos dados da pesquisa

Na análise realizada para compreender o perfil dos docentes foram elucidadas as tessitura dessa trama, que levassem em conta a intercessão entre a formação e atuação docente. Nesse sentido, a pesquisa ao dar vozes aos professores possibilitou romper com os silenciamentos que estavam instaurados. Assim, como protagonistas, os professores pesquisados relataram seus dilemas e expuseram seus mal - estares. Os nomes desses professores, que permearam esse estudo são fictícios com o objetivo de preservar suas identidades.

O olhar sobre a formação acadêmica dos professores pesquisados revelou a formação primorosa e a preocupação pela busca do novo. Dos cento e três professores pesquisados, todos tinham curso superior, cento e um deles possuíam formação no nível Lato Sensu, em diversas Especializações. No Strito Sensu, três possuíam o Mestrado e dois tinham o título de Doutores.

Esses professores enfatizaram que mesmo com o investimento pessoal na formação, tinham dificuldades em lidar com a situação real que vivenciavam na escola pública, o que resultava em insatisfações e prejuízos para a própria saúde.

Dos professores pesquisados 53,5% afirmaram possuir mais de 15 anos de docência, portanto, profissionais com experiência.

Em relação de como se sentiam frente à sociedade 96,4% dos participantes afirmaram que se sentiam pouco valorizados ou desvalorizados pela sociedade. Esse sentimento de pouco valor afetava a autoestima do professor, que manifestava seu mal-estar de diversas maneiras. Nesse sentido, a fala da professora Renata expressa bem esse desencanto, quando questionada se tem conseguido realizar seu trabalho:

“Não tenho conseguido... Faço o meu melhor, tenho prazer em dar aula. Mas, a cada dia, está ficando difícil”. “A moda é oficina. Não sei fazer malabarismos, trapézio, “reggae” e outros quejandos. Sei escrever (bem), falar (bem), portar-me adequadamente em qualquer lugar, discorrendo sobre vários assuntos, respeitando as regras UNIVERSAIS de urbanidade, convívio e moderação. “Como leciono língua, há textos, músicas e melodias”... Tendo para mostrar, ajudar, enfocar... Porém, fui vencida pelo celular, pela XUXA, pelas novelas

de crime e adolescentes grávidas, tudo recheado com muita ação e droga”. (PROFESSORA RENATA, 2006).

As dificuldades, relatadas pela professora supracitada, repercutiam no trabalho diário dos outros docentes, porém devido à falta de tempo, para compartilharem seus anseios e dilemas, esses impasses ficavam explícitos ao profissional no seu individual.

Esses professores, envergonhados por não conseguirem realizar satisfatoriamente seu trabalho, se posicionaram dizendo naquela circunstância que: “O maior empecilho é o não envolvimento do aluno”, “Não há algo pior do que criar uma expectativa de boa recepção por parte do aluno e ficar frustrada com a apatia, o desinteresse.” (QUESTIONÁRIO, 2006).

Martínez, Valles e Kohen (1997) evidenciaram nos seus estudos as dificuldades dos professores no exercício de sua profissão. Esses empecilhos, que vão crescendo e tomam proporções gigantescas, assim, interferem no desempenho e na saúde dos professores.

O silenciamento desses professores, na tentativa de neutralizar a situação insustentável, marcada pela indisciplina dos alunos e até mesmo pela violência gerada no intramuros da escola, deixava-os com medo e paralisados em suas ações. O sentimento profundo de incapacidade transparecia nesses professores, que apesar de toda a sua formação não conseguiam ver o seu trabalho efetivado positivamente. O desconcerto entre a intenção da docência e o que concretamente realizava deixava uma lacuna abismal.

Os entimemas de professor da Idade Antiga permaneciam presentes no ideal de ser professor quando afirmaram que: “Ter oportunidade de educar para a vida”. “Ser útil à sociedade”. “Ser importante na vida de alguns alunos”. “Idealismo com a esperança de que haja uma mudança profunda”. “Vocação” (QUESTIONÁRIO, 2006).

O sentido de ser professor expresso pelos professores se assemelhava àquele que “professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade.” (HYPOLITO, 1997, p.19).

A identidade profissional construída nesse referencial docente buscava sua realização na doação ao outro através do conhecimento. Nesse sentido, “[...] foi idealizado ao longo de um século e pouco, de Instrução Pública, o mestre que queríamos e pensávamos para mudar a escola, acabar com o fracasso, com o

analfabetismo, com a inconsciência do povo, com o atraso econômico e social...”. (ARROYO, 2004, P. 235).

Os professores pesquisados, também se sustentavam nos entimemas da Idade Média, quando afirmaram que ser professor era:

“Ajudar a manutenção dos valores éticos, morais e religiosos.”
“Enriquecimento e aprendizado constante”. “Desafio constante.”
“Desenvolver a sensibilidade, a compaixão, o respeito e o amor pelo próximo.” “Melhorar o “mundo”. “Esperança (ainda) de ver o PAÍS mudar.” “Convivência com pessoas diferentes.” “Aprender e se transformar.” (QUESTIONÁRIO, 2006).

Se esses entimemas carregavam em si os valores mais nobres da profissão docente, não se pode se esconder atrás desse discurso hegemônico, sem buscar o resgate para a valorização do profissional professor. Pois, o que se vislumbrava era arrefecimento dos ânimos dos professores diante da dicotomia do seu cotidiano, marcado pela expectativa da profissão e o pouco retorno de suas ações.

O professor desejava sua realização profissional e o seu reconhecimento pelo outro, contribuindo para o crescimento do seu aluno. A análise dessa perspectiva repercutiu na concepção de Freire (2005), ao afirmar a incompletude do humano e, portanto, a sua construção constante: “[...] exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos.” (FREIRE, 2005, p.59).

As expressões utilizadas pelos professores apontavam para essa dimensão da profissão, de ser considerado sujeito de ação, capaz de agir e transformar a realidade posta.

Nesse aspecto, as formações acadêmicas procurada de forma continuada por esses professores possibilitavam criar neles expectativas de melhor desempenho profissional. Porém, essas formações não apresentavam discussões sobre os temas atuais da docência, das relações interpessoais, que se estabeleciam no âmbito das escolas. Limitava-se a perpetuação de entimemas já superados. Assim, os aspectos da falta de interlocução interna no trabalho e o silenciamento dos docentes frente à individualização de suas atribuições traçavam o clima de frustração e de culpa. “No cotidiano escolar há falta de materialidade, de valorização, falta de espaço para discussões, falta de trabalho coletivo e sobra violência.” (PROFESSOR ANTÔNIO, 2006).

Os cruzamentos dos dados referiram aos sentimentos de pouca valorização desses profissionais humilhados e que manifestavam suas insatisfações pelos mal-estares e adoecimentos evidenciados nos conflitos, tensões e angústias dos docentes.

Considerações

Romper com o silenciamento e construir novos entimemas de valorização do professor foram a essência dessa pesquisa. A relação de respeito e de confiança construída pela permanência duradoura da pesquisadora, no espaço escolar possibilitou que os docentes pesquisados falassem de seus impasses e dilemas da profissão.

A concretude desse sofrimento silenciado pelos professores expressou como sendo algo tocável, que extrapolava o domínio das emoções e se corporificava.

Nesse sentido, Martínez, Valles e Kohen (1997) elucidaram que a situação de um docente podia se agravar no conflito de seu trabalho, pelo aumento de sua auto-exigência individual, que se manifesta nas dificuldades psíquicas e no somatório das doenças psicossomáticas.

Entretanto, esses profissionais ao agirem diferentemente no local de trabalho, pela expressão da palavra passaram a questionar as formações, que não possibilitavam a interlocução com a prática.

As evidências da necessidade de construir novos entimemas, que possibilitassem sair do local de isolamento e culpabilização individual pelo fracasso da docência foram percebidas. Nesse aspecto, desencadeou o repensar das ações docentes, para que buscassem a sua valorização constituindo novas expressões para o seu trabalho.

As análises desse trabalho enfocaram que as dificuldades crescentes no exercício da profissão docente têm possibilitado o discurso da formação continuada de professores, que buscam na teoria e nos cursos de formação, nos seus diferentes níveis, melhoria da prática pedagógica. No entanto, a importância dessa formação continuada sobressai dois aspectos importantes, que devem ajudar a romper com esse silenciamento que adoce o professor.

Primeiramente, os cursos de formação devem ter o cuidado de possibilitar questionamentos das realidades atuais nas escolas, sem omitirem os desafios hodiernos. E conjuntamente, compreender também que a formação acadêmica continuada, não pode negligenciar outra formação, que acompanha o professor em todo o tempo de sua trajetória profissional, a formação pelo/no trabalho.

Referências:

- ARROYO, Miguel. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRITO, Jussara. Saúde do trabalhador reflexões a partir da abordagem ergológica. In: FIGUEIREDO, M.; ATHAYDE, M.; BRITO, Jussara; ALVAREZ, Denise. (orgs.) *Labirintos do Trabalho-Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. p. 91- 114. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 1966. Trad. Maria Tereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octávio Ferreira Leite. 4ª edição. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002.
- CALDERANO, Maria A. e LOPES, Paulo R. C. (org). *Formação de Professores no Mundo Contemporâneo: desafios, experiências e perspectivas*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.
- CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa - Métodos qualitativos, quantitativo e misto*. Porto Alegre, 2007.
- CUNHA, Daisy Moreira. Notas conceituais sobre atividade e corpo-si na abordagem ergológica do trabalho. In: *ANPED 30º REUNIÃO*. <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3586--Int.pdf>
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa*. 31º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU, Stéphane. Imagens de sedução na pedagogia. “A sedução como estratégia profissional”. In: *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 66, Abril/1999. p. 13-54.
- HYPOLITO, Álvaro L. Moreira. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papyrus, 1997.

MARTÍNEZ, Deolidia, VALLES, Íris & KOHEN, Jorge. *Salud y trabajo docente-Tramas del malestar en la escuela*. Buenos Aires: Kapelusz, 1997.

MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1993.

RUBIM, A. A. C. Contemporaneity as the media age, *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, v.4 , n.7, p.25-36,2000.

SCHWARTZ, Yves. Conclusion. In: SCHWARTZ, Yves. *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe*. Toulouse: Octarès, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Disciplina epistêmica, disciplina ergológica; paidéia e politéia. In: *Revista Proposições*. São Paulo: UNICAMP, vol 13, p. 75-98 jan/abr 2002.

SCHWARTZ, Yves. O Trabalho numa perspectiva filosófica. In: *Seminário Trabalho, Saber, Educação*. Cuiabá: UFMT, 2003. (no prelo).